

AEROPORTO

Limites de vento desatualizados

Carlos Rodrigues assegura que ninguém quer colocar em causa a segurança, mas sim que os critérios de avaliação da operacionalidade terão de ser com teste de tecnologia de 2023 e não de há 80 anos.

Por **David Spranger**
davidspranger@jm-madeira.pt

Carlos Rodrigues, deputado do PSD e extremo estudioso na matéria, por via da sua atividade durante oito anos na respetiva comissão especializada da ALRAM, com muito trabalho desenvolvido e audições de especialistas na matéria, foi o escolhido pela Ordem dos Economistas para abordar a temática em redor da (in)operacionalidade do Aeroporto Internacional da Madeira e limites de vento obrigatórios, que diz estarem desfasados da realidade.

“A ciência utilizada para aferir as características técnicas, as diretrizes operacionais devem ser feitas recorrendo às de 2023 e não as que existiam há 60 anos”, expressou.

Carlos Rodrigues lembrou que “em 1963 o comandante José Marcelino iniciou uma série de teste, num avião Dakota fabricado em 1943”. Ou seja, “os limites de hoje foram definidos recorrendo a um avião de 80 anos. Os limites foram definidos em 1963 com tecnologia de 1943”, frisou.

No que toca à pista, esses mesmos testes foram efetuados “numa pista de 1.600 metros. Hoje tem 2.781 metros, mais de 200 que a pista de Faro e maior em 283 metros que o de Ponta Delgada”.

Carlos Rodrigues lembrou ainda que hoje a pista está com uma melhoria dessa orientação e comparou com uma série de outros aeroportos, com essa crítica de que em todos eles falamos de meras recomendações e não de limites obrigatórios.

O deputado social-democrata partilhou ainda alguns números



FOTOS JOANA SOUSA

Carlos Rodrigues pede que "sejam tomadas decisões com base na ciência e na tecnologia existentes em 2023".

daquilo que que é o prejuízo da economia regional a partir desta balização extremamente reduzida, lembrando o prejuízo na ordem de um milhão de euros para as próprias companhias.

Enfatizando que 60% da inoperacionalidade se deve a esse limite de vento, lembrou que “1% a menos

de dormidas representa um reflexo de recuo de 1,15% na economia regional”.

Falou também na habitual “desresponsabilização, a que estamos já habituados” nos grupos de trabalhos que foram sendo criados, vendo agora uma luz ao fundo do túnel: “talvez em 2026 haja deci-

sões, quaisquer que sejam elas”.

Em nome dos madeirenses, assegurou que é apenas pedido que “sejam tomadas decisões com base na ciência e na tecnologia existentes em 2023, celeridade e coragem para tomar decisões, e que não nos continuem a enganar com expedientes infantis”.



ELEITOS Entre economistas seniores e conselheiros, são mais 14 os agregados à Ordem: Alejandro Gonçalves, Alexandra Cardoso, Filipe Bazenga Marques, Luís Gonçalves Jardim, José Silva Santos, José Luís Macedo, Nelson Rodrigues Abreu, Cristina Pedra, Martinho Luís, Miguel Dória, Paulo Sousa, Paulo Vieira, Renato Costa e Rui Gomes Coelho.

Alimenta o Estado

Filipe Grilo, professor de Economia, disse que “se retirarmos o Turismo, o crescimento económico no País nos últimos 13 anos é zero”. Ou seja, “é o turismo que está a puxar o desenvolvimento de Portugal, está a alimentar a máquina económica do Estado”. Mais, “dependemos mais de produtos do exterior”. Em suma, deixa implícito ser imperioso ter alternativas, no País e na Região.

Tecnologia nos carros

António Reis Pereira, investigador, abordou 'Introdução de veículos autónomos partilhados. “Quando uma alteração traz benefícios, nós adotamos”, exemplificando com a UBER em Lisboa, onde “em apenas seis meses conquistou 50% do mercado”. Na Região, “o número de carros que hoje tem aconselha a que se pense no uso da tecnologia para ajudar a resolver este problema”.

Sustentabilidade

Gil Moreira, diretor-geral da Sapo, diz que novos critérios “estão a moldar as novas escolhas” dos turistas. A sustentabilidade surge no topo, partilhando que “43% de inquiridos dizem estar dispostos a pagar mais por uma viagem para um destino com sustentabilidade certificada” e que “30% confiam no destino que a inteligência artificial lhes escolhe para férias em 2030”.

Recursos humanos

Marta Sotto Mayor, formadora e consultora, destacou que “há coisas que a máquina não pode fazer”, salientando “a ética” e “a descoberta, a coragem... tudo isto está reservado ao fator humano”. Mais, “a consciência, criatividade, imaginação, e capacidade de tomar decisões com códigos de ética” serão sempre tarefa que a IA não poderá substituir.



PAULO PEREIRA

Turismo é o catalisador

Coube ao presidente da delegação regional a abertura. Paulo Pereira relevou que no pós-pandemia, “todas as melhorias tiveram origem no Turismo”, inclusive contrariando as injeções de valores promovidas pela União Europeia em outras áreas, frisando que os “maiores avanços da civilização nunca vieram de um Governo centralizado”.

“É inegável que vivemos tempos em que a tecnologia tem uma maior aproximação prática à vida das pessoas”, crendo que os diversos agentes “estão a maximizar o sucesso”.

Na introdução, foi ainda destacado que em setembro foi estabelecido um novo recorde de dormidas na Região, com cerca de um milhão de pernoitas, que o impacto do Turismo representa um terço do PIB da Madeira e que o setor emprega 23.000 pessoas, 17% da população ativa.



ANTÓNIO MENDONÇA

Membro estudante

António Mendonça, o bastonário, veio à Madeira e coube-lhe as últimas palavras sobre a conferência. Elogiou a Região e a delegação regional da Ordem, falou na “exigência de rigor e ética” no exercício da atividade e partilhou a mais recente novidade: “criámos o ‘membro estudante, pelo que os jovens, que estão ainda em fase de estudo de Economia, podem já aderir e começar a estabelecer relação com os mais velhos”.